



# SinTUFABC

Sindicato dos Trabalhadores das  
Universidades Federais do ABC

Boletim Especial  
08 de março de 2014



8 DE MARÇO

## Dia Internacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras: Ainda há muito a avançar

O Brasil está em 7º lugar entre os países onde ocorrem mais assassinatos de mulheres. Mais de 70 mil mulheres foram atendidas no SUS em 2011, vítimas de violência, e em 70% dos casos a agressão acontece dentro de casa. Elas ainda recebem salários em média 30% menores que os homens para realizar as mesmas funções, têm que lidar com uma mídia antidemocrática que objetifica os corpos femininos - ajudando a perpetuar o ciclo de violência.

### Mulheres na Universidade

A universidade é um espaço que reproduz a desigualdade de gênero.

Apesar de mais mulheres conseguirem hoje acesso ao ensino superior, várias áreas de conhecimento ainda são consideradas eminentemente “masculinas” e os cursos “femininos” são menos valorizados. Nos trotes, calouras sofrem constrangimentos e violência machista.

Faltam creches para atender os filhos de estudantes e funcionárias. As trabalhadoras enfrentam desigualdade e preconceitos nas políticas de progressão funcional e acesso a cargos de chefia (mesmo com mais qualificação). E a precarização dos serviços terceirizados - que avança em todas as instituições - também afeta mais as mulheres.

### A importância do 8 de março



O dia 8 de março é um importante símbolo para marcar a importância da luta das mulheres por direitos, contra a opressão e a superexploração.

A criação de um Dia Internacional de Luta foi proposta pela feminista alemã Clara Zetkin, durante a 2ª Conferência de Mulheres Comunistas, em 1910, na Dinamarca.

Desde 1920, o 8 de março passou a ser a data oficial de luta das mulheres trabalhadoras em todo o mundo. A origem da data remonta ao início da greve das operárias tecelãs de São Petersburgo, que marcou a abertura do processo de mobilizações que resultaram na Revolução Russa, em 1917.

### Governo Dilma nega direitos às mulheres

A eleição de uma presidenta mulher, em 2010, foi vista por muitos como uma oportunidade para conseguir avanços. No entanto, o governo Dilma Rousseff tem usado os direitos das mulheres como moeda de troca da “governabilidade”.

Dados do Grupo de Estudos sobre o Aborto (organismo multidisciplinar de especialistas que atua em parceria com o Ministério da Saúde) apontam que cerca de 250 mil mulheres são internadas anualmente no país para tratar complicações decorrentes de abortos inseguros. E, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, uma mulher morre a cada dois dias no Brasil por causa de abortos mal feitos. Diante dessa tragédia social, Dilma segue se apoiando nas bancadas religiosas do Congresso Nacional que patrocinam o projeto do Estatuto do Nascituro, proibindo a interrupção de gravidez até mesmo em caso de estupro.

O Brasil ocupa o 7º lugar entre os países onde ocorrem mais assassinatos de mulheres. Mais de 70 mil mulheres foram atendidas no SUS em 2011, vítimas de violência, e em 70% dos casos a agressão acontece dentro de casa.

As brasileiras ainda recebem salários em média 30% menores que os homens para realizar as mesmas funções. E um estudo divulgado pelo Fórum Econômico Mundial em 2013 coloca o Brasil no 62º lugar de 136 países com mais desigualdade entre homens e mulheres no acesso à educação, à saúde, à participação econômica e política.



Participe dos atos  
do 8 de março!



São Paulo: 9h, vão do MASP  
Santo André: 10h, calçadão  
da Oliveira Lima

# “A sociedade ainda não aprendeu a minimizar os impactos da tripla jornada”

Na semana do Dia Internacional de Luta das Mulheres, conversamos com Roberta Kelly França, coordenadora geral do SinTUFABC



## 1- Você é coordenadora do SinTUFABC, trabalhadora e mãe. Quais são as dificuldades dessa tripla jornada?

Primeiro é o combate às dificuldades impostas por uma sociedade machista, onde a mulher é pouco valorizada e a consequência é a baixa presença de mulheres em cargos de chefia, na política, nos sindicatos. Essa falta de representação parece nos querer fazer acreditar que precisamos nos esforçar mais no trabalho, adiar nossos planos familiares ou ‘garantir’ que nossos filhos adoeçam apenas aos finais de semana para não termos que nos afastar do trabalho. A sociedade, apesar dos muitos avanços, ainda não aprendeu a minimizar os impactos dessa tripla jornada. Existe ainda a ‘culpa’ que carregamos por não sermos onipresentes. Nós mulheres temos que abrir mão dessa culpa! Temos que cobrar de nossos parceiros uma divisão justa nas tarefas domiciliares e na criação dos filhos; no trabalho, temos que questionar e cobrar mais espaço para as mulheres em cargos de liderança. Acredito que desta forma a conquista de outros direitos será consequência.

## 2- Em muitas faculdades federais ocorre a luta das mulheres por creches para deixar seus filhos enquanto estudam ou trabalham. Como é essa situação na UFABC?

Na UFABC, o SinTUFABC pautou esta questão em suas reivindicações logo no início de sua gestão; contudo, não tivemos grandes avanços, além da criação de um grupo de trabalho para es-

tudar a questão. Acredito que a dificuldade em avançarmos e conquistarmos uma creche para todas as mães da UFABC se respalda no retrocesso da lei que, agora, passou a proibir que as universidades federais construam creches. Porém, esperamos ter mais sucesso com esta nova gestão da Reitoria ao discutir esta questão na UFABC e encontrarmos juntos uma solução. Como coordenadora do SinTUFABC posso afirmar que esta questão é valiosa para o sindicato também.

## 3- Como coordenadora geral do SinTUFABC, você poderia comentar a importância da organização do sindicato atuando na luta para uma sociedade mais igualitária e justa para as mulheres?

As mulheres quando conquistaram o mercado de trabalho apenas viram se repetir todo o machismo e a injustiça que as marcavam no ambiente familiar. A importância da luta sindical pelos direitos das mulheres é assegurar que suas necessidades sejam vistas como uma questão constitucional e política: somos todos iguais, mulheres e homens.

As leis precisam ser aperfeiçoadas para que, um dia, a sociedade possa refletir sobre essa máxima.

Além da Roberta Kelly na Coordenação Geral, o SinTUFABC tem a honra de contar em sua equipe de gestão com as colegas Ana Lúcia Crivelari (Coordenadora de Assuntos Institucionais), Neli Oshiro (Coordenadora de Assuntos Jurídicos) e Lígia Lopes Gomes (Coordenadora de Políticas Sociais).

 AGENDA

### 1º Congresso do SinTUFABC terá mesa sobre o combate às opressões

Entendendo a luta contra as opressões como fundamental na busca de uma sociedade justa, o 1º Congresso do SinTUFABC terá uma mesa de debates sobre “Os Sindicatos e a luta contra o machismo, o racismo e a homofobia”, com o objetivo de traçar políticas para combater a opressão dentro dos sindicatos. A atividade será na manhã do dia 27/3, contamos com a presença de todas as trabalhadoras e trabalhadores!

### 1º Encontro Nacional de Negras e Negros da CSP-Conlutas

Ocorrerá no dia 23 de março, das 8h30 às 17h, o 1º Encontro Nacional de Negras e Negros da CSP-Conlutas, com o tema “Chega de racismo, violência, exploração e dinheiro para a Copa!” Entidades e movimentos que queiram participar do Encontro terão o prazo de 24 de fevereiro a 10 março para fazer sua inscrição.

As inscrições devem ser feitas pelo site [www.cspconlutas.org.br](http://www.cspconlutas.org.br) (nobanner do Encontro) e ou pelo blog <<http://setorialnegrasenegrosconlutas.wordpress.com>>.

 Expediente

**BOLETIM DO SinTUFABC** é uma publicação do Sindicato dos Trabalhadores nas Universidades Federais do ABC.

**SEDE:** Avenida dos Estados, 5001, 11º andar, Bloco B, campus Santo André – Santo André – São Paulo.

**PRODUÇÃO EDITORIAL:** Traço Livre Produção e Comunicação.

**EQUIPE:** Luciana Araújo (jornalista responsável - MTb 39.715/SP), Leon Cunha (projeto editorial – MTb 50.649/SP), Vinicius Souza (editoração), Mayra Nakamura (secretaria) Luiza Giovancarli (jornalista).